

O SIGNIFICADO DE OFERECERMOS A DEUS UM CULTO “RACIONAL”

*“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto **racional**.”*
(Romanos 12:1)



No texto bíblico acima, o apóstolo Paulo busca ensinar aos seus leitores que, em todas as vezes que eles se reunissem, como corpo de Cristo, que esse ajuntamento solene fosse realizado em torno de um significado.

Ao contrário do que a maioria de nós tem aprendido no púlpito das igrejas, o culto “racional” não é um culto desprovido de emoção. A idéia de que, a razão está para a emoção, como antítese ou antagonismo, está completamente equivocada. Para termos um culto “racional” não

precisamos – e nem podemos – extinguir a emoção. Mas esse ensino anti-bíblico ainda vem sendo difundido em boa parte das igrejas evangélicas (muitas delas históricas) do nosso país.

Muitas pessoas perdem momentos especiais de íntima comunhão com Deus porque foram ensinados que, diante da presença do Senhor, não podemos chorar, rir e nem ser. Uma grande quantidade de crentes cultua a Deus através de uma liturgia descrita em um papel, onde não havia expressão humana, não havia voluntariedades, apenas formas.

Em um passado, não tão distante, a maioria dos cultos eram (e muitos ainda são) performáticos, onde a coletividade já sabia como o culto seria no seu início, meio e fim. O Espírito Santo não podia agir. Isso porque se Ele agisse nos homens, que são compostos por razão e emoção, muito provavelmente seria posto para fora da igreja, acusado de gerar no seio da comunidade um emocionalismo barato. Eram cultos em que, se algum membro, esboçasse algum sorriso ou levantasse a mão em uma demonstração de rendição e contrição, era logo advertido pela liderança que enfatizava que o culto prestado a Deus deveria se manter “racional”.

O que realmente significa prestar a Deus um culto “racional”? No texto bíblico escrito por Paulo, a palavra “racional”, vem do grego λογικός (logikós = “faculdade do raciocínio”, “razoável”), e tem o sentido de oferecer um sacrifício a Deus de uma forma inteligente, em contraste com os oferecidos por

ritual e compulsão; a apresentação deve estar em conformidade com a inteligência espiritual daqueles que são novas criaturas em Cristo e estão cientes da “compaixão de Deus”.

O culto “racional” é um culto “com razões”. Sendo assim, no culto prestado a Deus, razão e emoção podem se fundir.

Podemos prestar a Deus um culto extremamente racional, mas com uma razão que permite nos emocionarmos na presença de Deus. Assim como podemos apresentar a Deus um culto com nossas emoções, e chegarmos ao ápice dela sem perdermos a nossa razão. Sendo assim, **podemos ter uma emoção que não perde a razão, e uma razão que se emociona.**

O culto racional acontece quando eu e você conseguimos justificar e explicar, racionalmente, os motivos pelos quais vimos adorar a Deus juntamente com a coletividade. Se nos reunirmos – ainda que em nome de Deus – sem propósitos, sem objetivos claros, transparentes, o nosso culto terá sido “irracional”.

Portanto, por ser o culto racional um culto com razões, cada cristão deve estar apto a responder, quando estiver participando de um ajuntamento solene, as seguintes perguntas: “o que você veio fazer aqui (na igreja)?”, “qual a razão que te trouxe até este lugar?”, “o que estão me ensinando é verdade?”. Esses são questionamentos que todos os crentes deveriam se fazer até que encontrassem respostas racionais para todos eles.

O contrário de culto racional é culto irracional. Ou seja, algo que é feito instintivamente, sem critérios ou razões que justifiquem os procedimentos adotados. Em um culto assim é praticamente impossível se seguir o que está escrito: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.” (1 Coríntios 14:40) . É impossível que haja qualquer um dos dois componentes pedidos sem que se entenda a natureza de cada um. É preciso racionalidade para que isso aconteça. Por isso Deus nos fez diferentes das demais criaturas, ou seja, nos criou à sua imagem e semelhança: para que o adorássemos em espírito e em verdade, conscientes de nosso ato e de nossa missão de adoradores.

Em dias atuais podemos identificar como grande adversário desse padrão, o excesso de emocionalismo que tem se alastrado no meio cristão. A busca incessante pelo êxtase e pela experiência sobrenatural extrabíblica, a incorporação de ‘anexos’ doutrinários à Palavra de Deus, como se esta não fosse suficiente e os modismos importados recheados de técnicas mirabolantes de quebra de maldições e encontros obscuros são os componentes deste fim de séc. XX e início de séc. XXI. O que não é uma surpresa, Paulo já alertava que essas coisas fatalmente aconteceriam (cf. 1 Timóteo 4:1).

Nesse caldeirão doutrinário sem consistência – já que não se sustentam bíblicamente – as pessoas estão se dirigindo às igrejas sem saber exatamente o que vão fazer por sua espiritualidade. Vão dançar, cantar, aplaudir, gritar, enfim, sem entrar no mérito dessas questões, quase sempre falta o elemento principal: a Palavra de Deus. Entram e saem alegres e exaustas. O problema é: entenderam a

mensagem? A palavra que foi pregada edificou suas vidas? Deus falou com elas através de seu evangelho? Se à maioria dessas perguntas as respostas forem algo como “acho que sim”, algo está fora do lugar.

Cultos de estudo são sempre vistos como ‘enfadonhos’ e ‘entediantes’. Já pensou, passar quase uma hora apenas consultando referências na Bíblia? Que chato, não? Agora observe o texto abaixo:

“E leu no livro, diante da praça, que está fronteira à Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei.” (Neemias 8:3)

Estudo bíblico das seis da manhã até o meio-dia. Após isso, inclinaram-se, e adoraram o Senhor com o rosto em terra. Que lindo, não?

Uma proposta dessas nos dias de hoje seria impensável. Mas se o trabalho for uma celebração com um nome da moda, aí somente um dia inteiro é pouco.

A questão é que não há culto racional sem o entendimento da Palavra. Os ‘avivalistas’ de plantão trocam a bíblia por apostilas preparadas especialmente para direcionar as pessoas para a conclusão que lhes interessa. Seguem o exemplo das “Testemunhas de Jeová”. Alguém já viu um deles evangelizando com uma Bíblia em punho? Não, só vão às ruas com exemplares de ‘Sentinela’ e ‘Desperta’ ou, quando muito, com seus livretos particulares.

Por isso Paulo fala em ‘sacrifício vivo’. Ou seja, sacrifício da vontade da carne para fazer a vontade de Deus. E isso requer dedicação à sua Palavra e não somente àquilo que dá prazer, como por exemplo, ir para um retiro. Requer decência e ordem. Compromisso e organização.